

**A REDESCOBERTA DOS SONS -  
questão curricular atual**  
**THE REDISCOVERY OF SOUNDS -  
current curricular question**  
**EL REDESCUBRIMIENTO DE LOS  
SONIDOS - cuestión curricular actual**



Revista Espaço do Currículo

ISSN 1983-1579

Doi: 10.15687/rec.v15i3.64591

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

**Izadora Agueda Ovelha**

Mestre em Educação

E-mail: [izadoraagueda@yahoo.com.br](mailto:izadoraagueda@yahoo.com.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4029-2207>

**Alessandra Nunes Caldas**

Doutora em Educação

Professora substituta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: [nunescaldas@hotmail.com](mailto:nunescaldas@hotmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2103-6948>

**Nilda Alves**

Doutora em Ciências da Educação

Professora Emérita da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: [nildag.alves@gmail.com](mailto:nildag.alves@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0558-4175>

**Fernanda Cavalcanti de Mello**

Mestrado Profissional em Educação

Doutoranda na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Professora da Secretaria de Estado de Educação do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: [fernandamelloffpuerj@gmail.com](mailto:fernandamelloffpuerj@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1593-1329>

**Como citar este artigo:**

VELHA, I. A.; CALDAS, A. N.; ALVES, N.; MELLO, F. C. A REDESCOBERTA DOS SONS - questão curricular atual. **Revista Espaço do Currículo**, v. 15, n. 3, p. 1-10, 2022. ISSN 1983-1579. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v15i3.64591>

Recebido em: 26/10/2022

Aceito em: 09/12/2022

Publicação em: 15/12/2022

**Abstract:** During the rise of the “selfie society”, the pandemic determined the isolation and the intense use of technical networks. In Brazil, this movement was done with struggle, due to the restriction of artifacts and the high price of its use to many individuals. Together with the intensification of the use, by a big number of people, of the supports that allowed the use of images, the majority relied on only one device for the use of the whole family – or two, considering a computer and a cell phone. Along and for this reason, there was the rediscovery of sound supports for the whole society use, and also, at Education. The podcast style started to be use with greater intensity. The article brings the appearance, emergence and maintenance of one of this, in the field of Education, discussing its possibilities as a curricular artifact.

**Keywords:** Images and sounds. Podcast. Curricular Artifacts.

**Resumem:** En plena expansión de la “sociedad de la selfie”, la pandemia decretó el aislamiento y el uso intenso de las redes técnicas. En Brasil, este movimiento tuvo una adhesión con dificultades, debido a la restricción de los artefactos y por el alto precio de uso para muchos. Concomitantemente con la intensificación del uso, de parte de un gran número de personas, de aquellos soportes que permitían el uso de imágenes, una mayoría contaba con solo un aparato para usar entre la familia — o dos, si consideramos computadora y celular. Además de ello y por eso, hubo un redescubrimiento de los soportes de sonido para el uso de parte de toda la sociedad y, también, en la Educación. El formato podcast empezó a ser usado con más intensidad. En este artículo trataremos sobre la aparición, el surgimiento y el mantenimiento de uno de estos, en el área de la Educación, discutiendo sus posibilidades como artefacto curricular.

**Palabras-clave:** Imágenes y sonidos. Podcast. Artefactos curriculares

A visão isola, enquanto o som incorpora;  
a visão é direcional, o som é multidirecional  
(PALLASMAA, 2011:46)

**E**m março de 2020, em uma sexta-feira soubemos que a pandemia que apavorava o mundo chegara violenta ao Brasil e, os que podiam, deveriam ficar em casa. Com um governo a nível federal que se recusava a comprar vacinas e queria que se consumisse medicamentos ineficazes contra o vírus que matava muitos no mundo inteiro e que era quase desconhecido, vivemos mais de um ano com as escolas fechadas.

Dentro desde cenário, com a luta para que o governo federal comprasse vacina e o medo do outro – muitos outros – que poderiam ser portadores do vírus, os docentes da Escola Básica, receberam ordem de trabalhar pelos meios possíveis.

Sem que tivessem sido formados nas universidades para o uso das plataformas de comunicação existentes, já que seus professores/professoras, muito pouco atentos a essa necessidade ou que, na maioria dos casos fugia delas, e com normativas de proibição de uso de artefatos culturais mais acessíveis – como o celular - em seus ‘*espaçostempos*’<sup>1</sup> de trabalho, as/os docentes da Escola Básica se viram obrigadas/os a usá-los...apesar disso tudo. Em escolas privadas, muitos até perderam o emprego com o pretexto patronal de que não sabiam usá-las.

No contato com as possibilidades curriculares que precisavam e “tinham que usar” em artefatos pouco conhecidos – na imensa maioria dos casos, sem políticas oficiais de apoio, é preciso lembrar – as/os docentes tiveram que recorrer ao que sabiam e precisaram juntar forças – com seus pares, os estudantes e seus responsáveis - para desenvolver algumas ações curriculares.

Lembremos ainda, que a situação de interconecção no Brasil era/é ainda muito precária e

<sup>1</sup> Lembramos, mais uma vez, que na corrente de pesquisa em que trabalhamos – pesquisas com os cotidianos – há algum tempo, as dicotomias necessárias à criação das ciências, na Modernidade, começaram a representar limites ao que precisávamos desenvolver na criação de ‘*conhecimentossignificações*’. Com isso, resolvemos deixar claro isso em nossos textos, usando esse modo de escrever: os termos reunidos, em itálico e entre aspas simples. Na maioria das vezes os termos aparecem pluralizados e invertidos quanto à maneira como são usados hegemonicamente.

acessível de forma muito desigual a estudantes e docentes.

Além de tudo isso, as plataformas disponíveis eram ainda bem frágeis e continham questões técnicas que exigiam melhorias e inúmeras delas, com potência real, exigiam pagamento.

Na era da selfie, a descoberta de como existem outros sentidos para além da visão

No período anterior à pandemia, tínhamos descoberto a selfie e a exibição completa usando a Internet, como os grandes *'espaçostempos'* onde poderíamos nos mostrar sem pudor e muito mentir, se quiséssemos.

Imediatamente, chegada a pandemia e tantos/tantas/tantes descobrindo que tínhamos que nos comunicar usando o que sabíamos pelas redes tecnológicas – WhatsApp, campeão, com Facebook sendo substituído com certa velocidade pelo Instagram, que era “melhor para as imagens”<sup>2</sup> – selfs e imagens<sup>3</sup> outras continuaram a aparecer, em acordo com os contextos nos quais passáramos a viver. Nesse sentido, selecionamos para comentar algumas dessas imagens que chegaram a nós por essas bases e que de algum modo nos marcaram. Antes de mais nada, trazendo o uso da máscara obrigatória e a exibição terrível de nossas desigualdades sociais:

Imagem 1 – Diferenças



Fonte: FACEBOOK - 2020\_94582183\_10221854628453408\_6279967215886270464\_n

Em seguida, e para combater o medo que a todas/todos/todes assaltava, postagens foram feitas para nos fazer rir ou, pelo menos, sorrir<sup>4</sup>:

Imagem 2 e 3 - Risos e sorrisos



Fonte: FACEBOOK - 2020\_92288484\_2615665458691264\_936870441866231808\_n/

<sup>2</sup> Estamos repetindo aqui o que ouvíamos de amigos/amigas/amigues que se entendiam como expert nessas redes.

<sup>3</sup> Todas as imagens que selecionamos apareceram na página do Facebook de uma das autoras e foram guardadas para uso oportuno, como nesse artigo. Numeramos pela sequência no artigo e indicamos o ano de aparecimento nessa página do Face. Não indicamos sua autoria, mas deixamos a numeração com que apareceram, deixando a possibilidade, caso seja necessário, de identificarmos sua fonte.

<sup>4</sup> Esse é o emblema do América Futebol Clube, time do Rio de Janeiro, que foi importante na década de 60, do século XX, mas que hoje possui uma torcida muito pequena.

2020\_IMG-20200406-WA0016

E imagens terríveis da grande tragédia que enfrentamos nos momentos em que as vacinas não vinham e se falava oficialmente, de modo criminoso, em tratamentos alternativos sem nenhuma eficácia e perigosos, em diversos casos:

Imagem 4 – Desespero e morte



Fonte: FACEBOOK - 2020\_5ec5675030000951d1565a7

Outras imagens eram trazidas para mostrar o agradecimento que tínhamos por aqueles que com salários ruins, horas e horas de trabalho, nos momentos iniciais, sem vacina e sem outras proteções necessárias, faziam tudo para salvar vidas e perdiam a própria vida:

IMAGEM 5 – Os heróis da pandemia



Fonte: FACEBOOK - 2020\_95388620\_2951564768272721\_7395470484374028288\_n

E, por fim, imagens que eram postadas por artistas ou que eram trazidas deles, criando vida para nos embelezar a existência, naqueles momentos tão difíceis:

Imagem 6 - Artistas



Fonte: FACEBOOK - 2020\_96788857\_10158670845048641\_7333783720232484864\_o

Mas a essas imagens, nós os que estávamos podendo ficar em casa, em situações muito precárias

às vezes, íamos sendo chamadas/os por outros sentidos que não a visão. E entre esses se destacavam os sons que vinham das ruas, da vizinhança, dos que passavam pelas nossas janelas. Dos cantos coletivos de janela em janela que nos chegavam da Itália. Do som do sax ou do violoncelo que nos chegava da rua...

## 1 OS SONS COMO SENTIDO DE TESSITURA DE ‘CONHECIMENTOSSIGNIFICAÇÕES’

Imagem 7 – Pandemia de poliomielite



Fonte: FACEBOOK - 2021\_0623-WA0002

Essa imagem nos chegou pelo mesmo meio das outras, mas já em 2021, quando em pleno crescimento da variante Ômicron, do Corona vírus, se torna claro que as crianças e os adolescentes precisavam voltar às escolas sem que todas as proteções sanitárias e de cobertura vacinal tivessem acontecido em nosso país. O destaque às possibilidades que o rádio e o sonoro traziam ao ensino na crise de pólio, nos Estados Unidos, são lembradas, ao mesmo tempo em que nos é reafirmada a necessidade gregária do aprender.

E nessa necessidade, a criação de ‘*espaçotempos*’ de inúmeras conversas com as trocas de ‘*conhecimentossignificações*’ que ativam, permanentemente. Conversas – sussurradas, normalmente travadas em qualquer momento de encontro - que trazem a alegria, intensificando solidariedades, em todo e qualquer ‘*espaçotempo*’.

Essa lembrança nos permite, então, fazer uma pergunta a ser respondida neste texto, a partir da seguinte afirmativa: no período pandêmico nos relembramos da possibilidade e da necessidade de uso dos sons nos processos curriculares e reaprendemos os seus usos. Se ganhamos esse uso, podemos perdê-lo?

Estudiosos dos sons como o francês Pierre-Henri Marie Schaeffer (1966), compositor e teórico da música, e o canadense Raymond Murray Schaffer (2001), compositor, escritor, educador musical e ambientalista, nos indicaram, há muito, as possibilidades sonoras de nossas vidas e o valor educativo dos artefatos e expressões sonoras. No entanto, o enorme espaço ocupado, crescentemente, pela imagem nos fez compreender muito lentamente o que nos tentavam dizer.

Buscando compreender o que chama de “condição de escuta”, Obici (2008), que avançou nos estudos desses dois estudiosos, nos traz a noção de “território sonoro” explicando que:

A noção de território sonoro (TS) surge de duas situações. Primeiramente da necessidade de pensar som e espaço para além da noção de paisagem sonora<sup>5</sup>, entendendo que o termo paisagem requer um distanciamento e contemplação do olhar diferente daquilo que o som opera, já que “não existe distanciamento diante do sonoro. O sonoro é o país. O país não pode ser contemplado. O país

<sup>5</sup> A noção de paisagem sonora foi criada por Schafer (2001).

sem paisagem.” [Quignard, 1999: 65] A segunda, como revisão e aplicação de alguns conceitos de Gilles Deleuze e Félix Guattari [2012] como ritornelo e território (...) (p.65).

A presença/existência de territórios sonoros se revelaram significativamente para nós, na pandemia, fazendo com que estivessem conosco sempre, e para milhões fosse nossa possibilidade de relação com o mundo.

Os autores/autoras que desenvolveram pesquisas com os cotidianos, desde o surgimento dessa corrente de pesquisa no Brasil, para superar a ideia de que os conhecimentos eram “construídos” – com hegemonia nos estudos acerca das escolas e seus processos pedagógicos – preferiram usar a palavra “tessitura” para indicar como esses conhecimentos são criados nas tantas redes educativas que formamos e nas quais nos formamos. Essa palavra tem origem na música, nela indicando dois usos: “disposição das notas para se acomodarem a uma determinada voz ou a um dado instrumento” e “série das notas mais frequentes numa peça musical, constituindo a extensão média na qual ela está escrita”. Isso indica a articulação inicial de inúmeros grupos de pesquisa, nessa corrente, com a presença dos sons nos cotidianos e nas redes educativas dentro das quais desenvolvíamos nossas pesquisas.

Se fazendo presentes, agudamente, nos cotidianos que vivíamos, os sons levaram a que buscássemos compreender – nós os pesquisadores/pesquisadoras - como contribuíamos na tessitura de ‘conhecimentossignificações’ e, também, como poderiam gerar artefatos curriculares.

Buscamos autores que já haviam passados por nós e encontramos novos parceiros para essa tessitura. Nesse sentido, conhecemos apoios que nos ajudam a prosseguir neste trabalho de conhecer os sons com suas possibilidades de criação na necessidade permanente de conhecer os processos curriculares.

Pallasmaa, arquiteto finlandês, nos trouxe as melhores condições de ampliarmos esses estudos. Embora seus livros (PALASMAA, 2013 a; 2013 b; 2011) tratem, especialmente, das questões da arquitetura, trouxeram importantes contribuições ao que queríamos pensar em Educação nas relações com nossos múltiplos sentidos e, imediatamente, para a presença dos sons em nossas vidas e nas ‘prácticasteorias’ da docência e dos currículos.

Organizando uma crítica da hegemonia da visão, criando possibilidades de superação da hegemonia dessa nas nossas experiências, ele busca criar uma teoria que traz nosso corpo, com todos os seus sentidos, para o centro das nossas possibilidades de pesquisador ‘prácticoteórico’, reforçando a tessitura que estamos desenvolvendo ao trabalharmos os cotidianos escolares nas suas múltiplas dimensões – éticas, estéticas, políticas e poéticas.

No primeiro texto dele com que trabalhamos, Pallasmaa inicia trazendo o tato como o sentido primeiro:

Todos os sentidos, incluindo a visão, são extensões do tato; os sentidos são especializações do tecido cutâneo e todas as experiências sensoriais são variantes do tato e, portanto, relacionadas à totalidade. Nosso contato com o mundo se dá na linha divisória de nossas identidades pessoais, pelas partes especializadas de nossa membrana de revestimento (PALASMAA, 2011: 10).

Em seguida, ele nos lembra, falando da arte, mas podemos estender a todas as nossas experiências que essas são sempre uma totalidade de trocas:

Ao experimentar a arte, ocorre um intercâmbio peculiar: eu empresto minhas emoções e associações ao espaço e o espaço me empresta sua aura, a qual incita e emancipa minhas percepções e pensamentos. Uma obra de arquitetura não é experimentada como uma série de imagens isoladas na retina e, sim, em sua essência material, corpórea, e espiritual totalmente integrada (PALASMAA, 2011: 11)

Mais adiante, neste mesmo texto, esse autor reforça a multissensorialidade de todas as nossas experiências, trazendo a descrição de Okakura (1989) de uma cerimônia do chá:

“A tranquilidade reina, sem que nada quebre o silêncio, exceto a nota da água fervente na chaleira de ferro. A chaleira canta bem, pois as peças de ferro de seu fundo estão distribuídas de modo a produzir uma melodia peculiar na qual se ouve os ecos de uma catarata abafados pelas nuvens, das distantes ondas do mar quebrando entre as rochas, da tempestade que se arremessa contra uma floresta de bambu ou do sussurro dos pinheiros em uma distante colina qualquer” (p.85). Na descrição de Okakura o presente e o ausente, o próximo e o distante, o sentido e o imaginado se fundem. O corpo não é uma mera entidade física; ele é enriquecido pela memória e pelos sonhos, pelo passado e pelo futuro (PALASMAA, 2011: 42-43).

Tudo isso, o faz afirmar que “os sentidos não apenas mediam as informações para o julgamento do intelecto; eles também são um meio de disparar a imaginação e articular o pensamento sensorial” (p. 43)

Assim, ao tratar especificamente dos sons e da audição, ele vai trazer novamente a visão – sentido hegemônico desde a Modernidade – para articular e comparar com esse outro sentido de que queremos tratar neste artigo, dizendo:

O senso da visão implica exterioridade, mas a audição cria uma experiência de interioridade. Eu observo um objeto, mas o som me aborda; o olho alcança, mas o sentido recebe. (...) “a ação centralizadora do som afeta o senso de cosmos do homem”, escreve Walter Ong. “Para as culturas orais, o cosmos é um evento contínuo com o homem em seu centro” (1991: 73). É instigante pensar que a perda mental do sentido da centralidade no mundo contemporâneo possa ser atribuída, ao menos em parte, ao desaparecimento da integridade do mundo auditivo (PALASMAA, 2011: 46-47).

Por fim, Palasmaa (2011), vai nos lembrar o sentido coletivo/gregário do som ao dizer, trazendo inúmeros exemplos para comprovar essa sua afirmativa: “a visão é o sentido do observador solitário, enquanto a audição cria um sentido de conexão e solidariedade. (...)” (p. 48).

Nessa direção, nos primeiros momentos da pandemia, com o confinamento imposto, e o medo do encontro presencial com o outro, o mundo exterior nos chegava, de forma massiva, pelos sons das ruas e das vozes/gritos de pessoas das vizinhanças. E foram se diferenciando, pelo uso que reaprendemos a fazer deles<sup>6</sup>.

Uma série de artefatos pedagógicos foi criada, no período, buscando aproveitar este retorno do que nunca nos deixou – os sons. É preciso dizer que a dominância dos artefatos visuais continuou. Mas pouco a pouco, as experiências com sons foram aparecendo. Aqui e ali, nos programas do podcast analisado, algumas dessas experimentações curriculares vão surgindo. Algumas pistas do uso de artefatos sonoros nos trazem a possibilidade de buscar compreender a possibilidade das reaprendizagens dos sons em processos curriculares cotidianos.

## 2 A INTENSIFICAÇÃO DO SURGIMENTO DE PODCASTS

Durante a pandemia, para enfrentar as dificuldades de grande parte dos docentes e de muitas pessoas de acesso a meios visuais, um número enorme de podcast foi criado. Este movimento, de certo “recuo” à produção auditiva, dentro de um crescente movimento de hegemonia do visual, em plena “era do selfie”, exigiu que nos dedicássemos a nele ‘*praticarsentirpensar*’. Esses podcasts foram criados: dentro das mídias convencionais, com gente de televisão; em sociedades científicas, como a SBPC, por exemplo; em ONGs; em universidades. Desses últimos, encontramos um link que leva até um site chamado UNBCAST (<https://www.unbcast.com/forma%C3%A7%C3%A3o>) que é voltado para a divulgação de podcasts universitários. Neles se pode ter acesso a diversos temas educativos, incentivando a ‘*aprendizagemensino*’ de múltiplos ‘*conhecimentossignificações*’, bem como permite a circulação destes em novos meios de comunicação. A partir desta busca, decidimos, então, acompanhar aquele podcast

<sup>6</sup> Moradoras do Rio de Janeiro, vimos as brincadeiras criadas por amigos com grito do vendedor de ovos que passava em nossas ruas e que, para informar que seus ovos eram grandes, gritava: “a galinha chorou”.

que, criado em agosto de 2020, poucos meses depois do surgimento da pandemia, trata de temáticas de nosso interesse, reunindo ideias e temáticas presentes nos cotidianos e nos currículos<sup>7</sup>.

Nos tempos de hoje, os artefatos culturais-tecnológicos se tornaram essenciais na vida de todos. Os artefatos trazem possibilidades de se criar outros modos de comunicação e até mesmo de mantê-las, quando os contatos pessoais são interditados por crises como da COVID ou da poliomielite. As mudanças culturais fizeram com que as práticas de comunicação se transformassem e fossem transformando os próprios meios por onde se desenvolvem.

O podcast é um exemplo de um artefato cujo uso vem crescendo, se tornando comum na vida de pessoas. É bom lembrar que o rádio, cujo centenário está sendo comemorado no mês de setembro de 2022, continua como o meio de comunicação mais usado em nosso país-continente. O podcast pode ser reproduzido com bastante facilidade, com baixíssimo custo, em várias plataformas de streaming ao mesmo tempo. Pode ser ouvido de forma gratuita, no computador ou no celular, a qualquer momento, e sua escuta pode ser parada e voltada quantas vezes se quiser. É uma forma de comunicação que atrai a muitos por ser de mais fácil acesso, já que não demanda o gasto de muita conexão. Pode ser ouvido enquanto se está executando uma tarefa cotidiana, dentro de qualquer meio de transporte, no intervalo de uma aula ou de outra atividade profissional.

O podcast que analisamos – “Cotidianos e Currículos” - surgiu no início da pandemia, em agosto de 2020, feito na UERJ, desenvolvido pelo GrPesq “Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons”, reunindo pesquisadoras/pesquisadores, discentes e docentes de dois programas de pós-graduação e unidades de ensino: o ProPEd/EDU, campus Maracanã, e o PPGEDU Processos formativos e desigualdades sociais/FFP, campus S. Gonçalo. Foi organizado em séries mensais com programas semanais. Vai ao ar, assim, todas às terças, pela manhã, em numerosas plataformas de streaming. Cada programa possui uma parte inicial – em formas bastante variadas e com pequena duração, de até 5min – e uma entrevista com convidadas e convidados, pessoas com relação com a temática mensal, mas que compreendem a inserção da mesma no campo da Educação, propondo diálogos com ele – têm uma duração maior, entre 10 e 20 minutos. Importante dizer que o podcast teve o apoio, desde seu início, de um músico e criador de trilhas sonoras - Fernando Moura – e que alguns acordes de uma música sua anuncia cada programa, que se encerra, sempre, com uma música de algum de seus discos.

Trabalhando com uma visão bastante ampla da ideia de currículo – produto das relações docentes-discentes no trabalho com as inúmeras questões sociais presentes nos tantos ‘dentrofora’ das escolas - o podcast “Cotidianos e Currículos” tem apresentado temáticas variadas: os sons; as imagens; a importância dos docentes nos processos curriculares; as questões ligadas à formação dos docentes; artefatos culturais como artefatos curriculares; as múltiplas redes educativas que formamos e nas quais nos formamos; e nas séries mais atuais, nos meses de agosto e setembro de 2022, considerando as eleições gerais no país, desenvolveu a temática “Propostas para o próximo governo em Educação: escolas, docentes e discentes”, na qual foram bastante variados os modos de considerar as propostas curriculares, nas tantas relações dos ‘espaçostempos’ escolares com aqueles fora das escolas. A temática, relativa ao mês das professoras e professores, neste 2022, foi: “Somos a maior categoria profissional do país”.

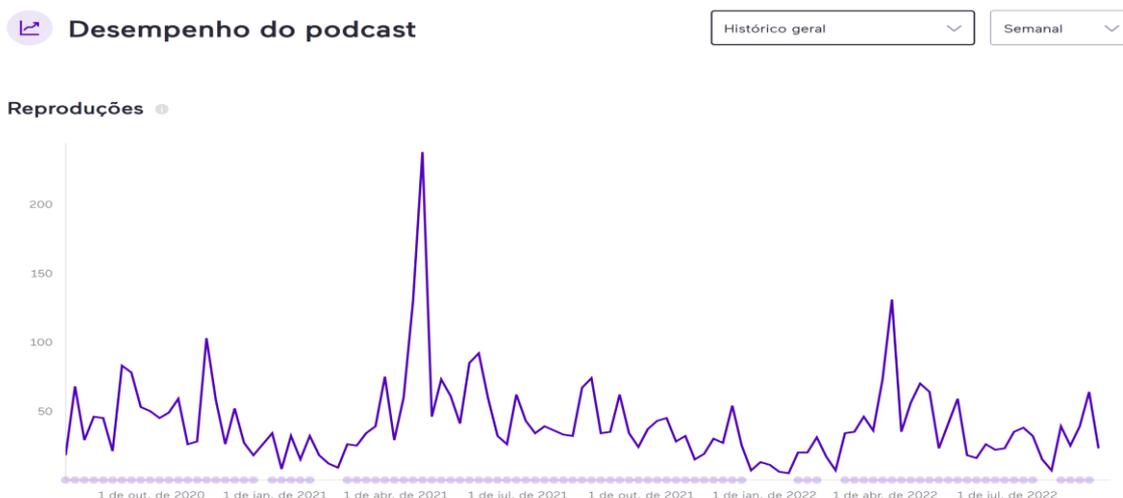
Outro aspecto importante é que, em séries diferentes os criadores/criadoras do podcast estudado têm buscado compreender os processos educativos, em suas múltiplas dimensões: éticas, estéticas, políticas e poéticas. Nesse sentido, percorrendo os mais de cem programas já realizados, fomos conversando, no estudo realizado, com essa escuta que retornando fortemente com a pandemia, pelos motivos já indicados, vai trazer outra vez, as possibilidades que abre aos processos educativos, se confrontando, em certa medida, com a ‘sociedade da selfie’ que se hegemonizou no período anterior.

Sua audição<sup>8</sup> alcançou o maior nível em abril de 2021 – oito meses após sua criação - o que, talvez, possa ser explicado por ser o momento em que a área da Educação tomou conhecimento de sua existência e buscou conhecê-lo. No quadro abaixo, podemos perceber a instabilidade dessa audiência.

<sup>7</sup> Seu título é exatamente “Cotidianos e Currículos”.

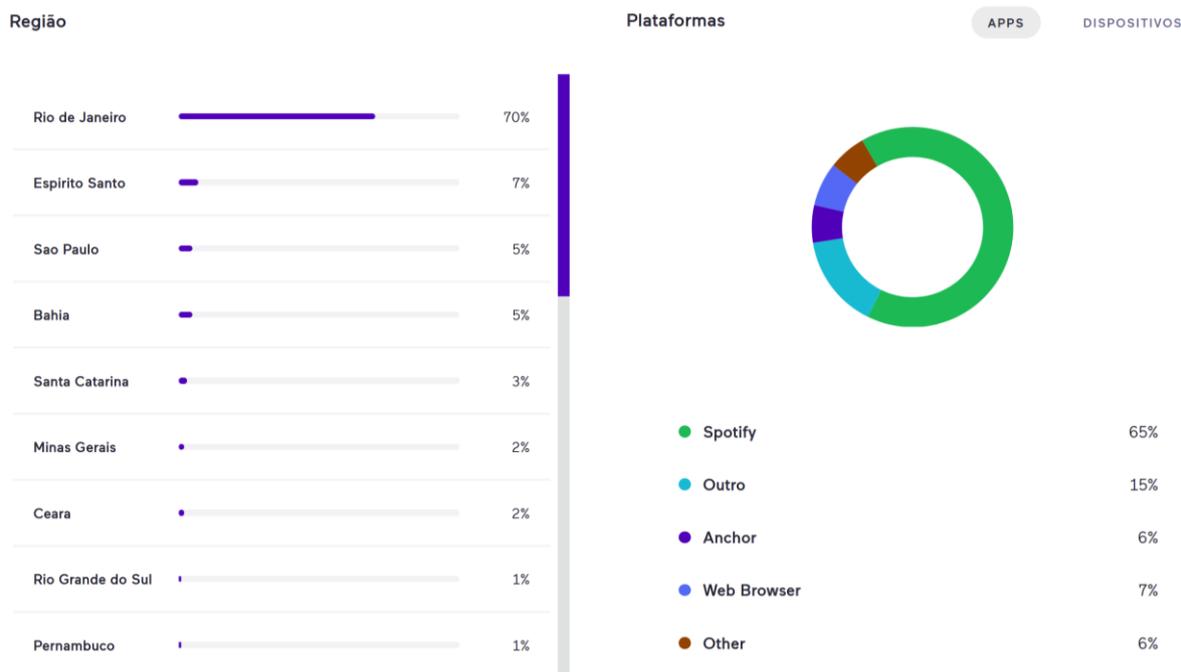
<sup>8</sup> Os dados trabalhados foram obtidos junto à equipe criadora do podcast, a quem agradecemos.

Figura 1 – Reproduções do podcast



Naturalmente, no limite que sempre existe pelo uso da língua portuguesa, seu público se encontra no Brasil (85%), mas nos surpreende a audição, de alguma forma significativa, nos Estados Unidos (11%). No Brasil, considerando sua audição pelas regiões e pelos estados, temos grande predomínio da audição na região SE (81%) - Rio de Janeiro (68%); Espírito Santo (7%); S. Paulo (4%); Minas Gerais (2%). Interessante observar que a Bahia a parece com 5 % da audiência. Essa audiência ocorre em especial pelo Spotify que é a plataforma mais conhecida.

Figura 2 – Audição no Brasil, por plataforma



Esses são dados a acompanhar nesse estudo e que deverá ser ampliado, talvez, por alguma pesquisa qualitativa.

**CONCLUSÃO**

Inquestionavelmente, a questão proposta nesse dossiê “O que ganhamos, o que não podemos perder: criações curriculares e tecnologias nos cotidianos escolares” foi extremamente estimulante e nos levou a escrita desse texto para tentar indicar que um artefato cultural/tecnológico, o podcast, adquiriu características de artefato curricular ao ser assumido como possibilidade de trocas curriculares nos cotidianos escolares, adquirindo a compreensão de sua necessidade pela verificação das imensas

dificuldades de uso por grande parte de docentes e docentes das plataformas de imagem, pelo seu custo.

Ora, é preciso perceber três aspectos nesses momentos de retorno ao presencial: em primeiro lugar, essas dificuldades de acesso às plataformas visuais continuam as mesmas do período da pandemia, já que nenhum gasto efetivo foi realizado pelo governo federal e de outras esferas para a sua mudança.

Em segundo lugar, tem sido dito que muitos estudantes, nos diversos níveis de ensino ainda não retornaram às aulas. As questões acerca disto estão sendo buscadas, mas não chegamos ainda a um movimento ativo de governos para se resolver essa questão.

Nas universidades, em especial nos cursos das chamadas ciências humanas e sociais, esta volta está sendo feita com muita dificuldade e os estudantes, apesar das carências de meios para a comunicação virtual, vem declarando que essa é uma comunicação ainda possível e necessária, já que evita gastos de passagem e alimentação.

Muito temos que trabalhar, ainda, para compreendermos esses momentos que estamos vivendo.

Esse estudo nos tem exigido trabalhos de acompanhamento dessa “nova” forma de ouvir, interrogar e criar em processos pedagógicos. Essas criações não podem ser abandonadas, já que permitiram importantes ampliações nos contatos mesmo com aqueles com dificuldades de acesso à Internet. Temos muito, ainda, o que trabalhar com esses artefatos e eles vão nos acompanhar, de modo central, em nossos trabalhos e pesquisas com os cotidianos e os currículos.

## REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. Acerca do Ritornelo. In DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs** – vol. 4. S. Paulo. Ed 34, 2012: 121 – 179.
- OBICI, Giuliano. **Condições da escuta** – mídias e territórios sonoros. Rio de Janeiro: 7 Letras/FAPERJ, 2008.
- OKAKURA, Kakuzo. **The book of tea**. Toquio/Nova York: Kodansha International, 1989.
- ONG, Walter J. **Orality & Literacy – the technologizing of the world**. London/New York: Routledge, 1991.
- ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. Campinas: Papirus, 1998.
- PALLASMAA, Juhani. **A imagem corporificada** – imaginação e imaginário na arquitetura. Porto Alegre: Bookman, 2013 a.
- PALLASMAA, Juhani. **As mãos inteligentes** – a sabedoria existencial e corporalizada na arquitetura. Porto Alegre: Bookman, 2013 b.
- PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele** – a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- QUIGNARD, Pascal. **O ódio à música**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- SCHAEFFER, Pierre-Henri. **Traité des objets musicaux**: essai interdisciplinaire. Paris: Seuil, 1966.
- SCHAFER, Raymond Murray. **A Afinação do mundo** - uma exploração pioneira pela história e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. S. Paulo: EdUESP, 2001.



Este obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).